
PAULO E A ABERTURA

MULTICULTURAL NA EPISTOLA

AOS GÁLATAS

JOEL ANTONIO FERREIRA

Chamamos o texto de Gálatas de “a epístola da abertura de fronteiras”. De fato, no centro desta epístola há uma perícope significativa (Gl 3,26-28) que é uma expressão monumental da abertura de um grupo dos cristianismos originários para a perspectiva multicultural. Ali, Paulo, que herdou o texto de comunidades anteriores, aborda, com uma visão genial, as aberturas para o étnico, para o social e para a questão de gênero. A epístola procura dar uma nova visão ao universo greco-romano e também ao judaico, mostrando que as questões culturais, raciais, religiosas, sociais e de gênero devem ser olhadas com novas perspectivas para se superar os preconceitos, sejam quais forem e de onde vierem.

Paulo, ao mover-se, por várias vezes, pelo império greco-romano, abriu sua mentalidade. No contato com a grande civilização grega – convivendo com a presença militar e política romana, conhecendo tantos povos diferentes –, anunciou um projeto transformador que derrubava os muros das desigualdades.

Provavelmente, Gl 3,26-28 era um texto lido pelas comunidades cristãs na liturgia do batismo. Paulo, ao escrever aos gálatas, insere esta perícope no centro da epístola como um programa para as comunidades de fé, caracterizando-se como uma pequena perícope de abertura de fronteiras em torno da unidade em Cristo. Eis o texto:

Gl 3,26-28:

Vós todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus.

Pois todos vós fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo.

Não há judeu nem grego;

não há escravo nem livre;

não há homem e mulher;

Pois todos vós sois um só em Cristo Jesus.

O texto fundamental da Epístola aos Gálatas (3,26-28) constata três assimetrias. A primeira, “não há judeu nem grego”, é a assimetria étnico-religiosa (FERREIRA, 2003, p.1.093); a segunda assimetria forte, “não há escravo nem livre”, é a social (FERREIRA, 2002, p. 567), tem como pano de fundo o imenso império romano; a terceira, “não há homem e mulher”, é a assimetria de gênero (FERREIRA, 2002, p. 90).

PRIMEIRO IMPACTO MULTICULTURAL: A QUESTÃO ÉTNICA

O conflito pessoal de Paulo para colocar em prática a revolucionária tese de que “não há judeu nem grego” acompanhou-o sempre. Paulo, ao mesmo tempo judeu e apóstolo de Cristo, às vezes quis conciliar os dois modos de vida. Era leal à sinagoga e, ao mesmo tempo, era perseguido pelo seu povo. Queria, como fiel judeu, pregar aos gentios, porém estava ajudando a formar uma outra entidade, a Igreja. Enquanto anunciava que a justificação era pela fé, tantas vezes, procurou um lugar para a lei no plano de Deus (SANDERS, 1990).

Ao afirmar que “não há judeu nem grego”, isto é, étnico (= pagão, estrangeiro), ele estava fazendo uma proposta igualitarista racial e, por conseguinte, religiosa. Todo grande esforço de Paulo e – mais – quase toda sua obra estavam centrados na abolição das distinções religiosas e culturais entre judeus e gregos.

O esforço de Paulo não era o afastamento, mas a superação das distinções. O “não há judeu nem grego” mostra uma teologia que contestava as ortodoxias religiosas fechadas em si, questionava os sectarismos que discriminavam os outros e os diferentes. Diante da revelação definitiva de Deus em Jesus Cristo, nenhuma religião ou qualquer raça são superiores às outras. Segundo Barbaglio (1993), não valem mais nem privilégios nem *handicapes*. Todos, igualmente, têm necessi-

dade do dom gratuito da salvação, oferecida indistintamente a quem tiver fé, que constitui uma opção pessoal oferecida a todo o mundo, sem que ninguém precise renunciar à própria identidade histórico-cultural (BARBAGLIO, 1993).

Cristo é o evangelho (Gl 1,6-9), e este se abre, indiferentemente, à civilização grega como à etnia judaica presente em várias partes do mundo. A consequência de tudo é que gentios e judeus, firmes na fé em Cristo, respeitando aquilo que é típico de cada cultura, convivam como membros vivos de uma mesma comunidade.

O SEGUNDO IMPACTO MULTICULTURAL: A QUESTÃO SOCIAL

Em comunidades tão distantes, nos diversos cristianismos originários, com algumas modificações, o mesmo hino (Gl 3,26-28) era rezado ou cantado, exaltando a liberdade total dos seres humanos em Cristo Jesus. O clamor em torno do fim da escravatura era uníssono nas primeiras comunidades (Gl 3,26-28; 1 Cor 12,13; Rm 10,12; Col 3,11). Parece que a afirmação “não há escravos nem livres” surgiu em um ambiente de escravos ou ex-escravos.

Quais seriam as consequências da proclamação, pelos cristãos, de que “não há escravos nem livres” no ambiente romano avassalador? Era possível subverter toda a ordem social não somente do império romano, mas do universo, para que desaparecesse, de fato, a escravidão? A grande perspectiva da ruptura de barreiras é que a fé em Cristo constitui e sustenta o novo modelo de vida na igualdade e na liberdade, abrindo as fronteiras que vêm da superação das discriminações da relação senhor/escravo ou livre/escravo.

Quando Paulo fala da relação livre/escravo, está propondo que a estrutura de dominação seja derrubada, porque esta é uma das barreiras mais agressivas contra o Evangelho. A busca da unidade em Cristo Jesus (Gl 3,28d) tem de eliminar o sistema social da escravidão. Sendo eliminada a oposição livre/escravo, surge um tipo social de vida diferente em que as relações serão de pessoas que vivem a igualdade e a liberdade no serviço uns aos outros (Gl 5,13b). Ao assumir a proposta do “não há escravo nem livre”, Paulo anseia pelo surgimento de uma sociedade nova que elimine a sociedade da contradição. Não se concebe mais – de modo algum – a escravatura.

Mais uma vez, este texto (Gl 3,26-28) como mola propulsora de toda a epístola aborda questões cruciais já levantadas antes: Gl 2,4 retrata a crise da liberdade. Paulo, em boa parte da epístola, defende-a com vigor, arrematando aqui que não há “escravo nem livre”. O tempo da liberdade tem de durar para sempre.

Portanto, a epístola aos gálatas – olhando a superação da crise da liberdade (Gl 2,4), a comunhão de mesa (Gl 2,11-14) e o batismo (Gl 3,27) – proclama, tenazmente, a abertura de fronteiras para que a liberdade e a igualdade sejam, de fato, uma proposta viva para todos e, em particular, para os que aderiram a Jesus Cristo. Numa perspectiva multicultural, em pleno modo de produção escravagista romano, anunciar que não poderia existir mais “escravo”, era buscar algo de totalmente novo, uma revolução nos padrões de comportamento da época e o anúncio de um novo tipo de instituição em que todas e todos os habitantes da terra seriam, literalmente, livres.

Paulo, pessoalmente, levou a sério, em sua vida, esta preocupação com o social. Em 1 Tess 4,9-12, Paulo muda o modo de pensar e agir, ao orientar os tessalonicenses que “trabalhassem com as próprias mãos”, virando tudo ao avesso. Pediu a eles que saíssem do sistema romano e criassem o próprio sistema, tornando-se independentes e livres. Em 1 Cor 7,22-23, há um apelo para que ninguém se torne escravo dos homens. Ele está mostrando que a comunidade cristã é semente de uma nova sociedade igualitária na qual todas e todos são chamados a serem livres para viverem com dignidade. Em 2 Cor 8-9, retratando uma situação social angustiante, a fome na Judéia, ele propõe e lidera um grande movimento, em várias partes, para partilhar com os mais necessitados, em sinal de unidade dos cristianismos originários. Particularmente em 2Cor 8,13-14, vemos as orientações sociais cristãs na busca da justiça social e da defesa dos direitos da pessoa humana serem colocadas em prática. Na cartinha a Filemon, Paulo coloca mais uma vez em prática a proposta do “não há escravo nem livre”. Não havia lugar para a escravatura em uma comunidade cristã, particularmente na cabeça de Paulo. Esta cartinha sugere que o cristianismo não é compatível com a situação social do mundo greco-romano e constitui uma condenação do sistema vigente, com uma proposta de uma alternativa provisória: o escravo Onésimo precisa ser libertado (COMBLIN, 1986).

TERCEIRO IMPACTO MULTICULTURAL: A QUESTÃO DO GÊNERO

Paulo demitiza os padrões de comportamento impostos pela civilização universal e interroga as instituições que sustentavam o patriarcalismo. Há uma audácia na afirmação “não há macho (homem) e fêmea (mulher)”. Este par de opostos surgiu em um ambiente feminino. Se as mulheres tomaram consciência de que a sociedade patriarcal promovia apenas os aspectos masculinos, se experienciavam que o androcentrismo era uma realidade, se elas se sentiam subestimadas existencialmente e, por isso, esvaziadas, se percebiam que sua identidade fundamental de mulheres estava cancelada até então, se se sentiam como caricatura dos homens, se se localizavam como marginalizadas pela unilateralidade masculina, portanto, se se viam oprimidas pelo mundo patriarcal, é claro que elas deveriam exigir no texto batismal palavras rudes como macho/fêmea (masculino/feminino) e não, tranquilamente, apenas homem/mulher. Macho/fêmea, a nosso ver, denuncia uma das assimetrias mais violentas no âmbito de relação e convivência humanas, descrevendo, cruamente, o que as mulheres experienciavam no cotidiano existencial.

Quem estaria, nas primeiras comunidades, por trás da força deste par homem/mulher? Seguramente, não eram os homens. Claro que gostaríamos de saber quais locais em que comunidades mais vivas tinham maior presença feminina e onde se despontaram as maiores lideranças delas. Seria belíssimo se soubéssemos quem foram as mulheres que conseguiram impor a afirmação “não há homem (macho) e mulher (fêmea)”, como admiraríamos muito se conhecêssemos quem foram os homens dessas comunidades que tiveram a abertura para acolher tamanha audácia para a época. A maior possibilidade está em compreender que, por trás da declaração batismal, pelo menos a respeito das mulheres, estariam as líderes femininas que exerciam papéis de ponta nas igrejas domésticas e na missão do movimento cristão primitivo, ou melhor, do movimento missionário pré-paulino. Elas, as novas líderes cristãs, certamente impuseram esta expressão. Outras líderes que Paulo não conheceu, pelos seus trabalhos transformadores, não iriam impor o par homem/mulher no hino batismal, ao lado de judeu/grego, escravo/livre? Parece evidente que esta foi uma conquista feminina.

A força da presença da mulher nas primeiras comunidades, juntamente aos *escravos* (seguramente, escravos gentios), enriqueceu a declaração batismal de Gl 3,28 exatamente porque aquelas cristãs e cristãos excluídos das forças de decisões e condução da história compreendiam-se verdadeiramente libertados por Cristo.

O exemplo mais forte de busca da igualdade racial e religiosa foi o incidente de Antioquia (Gl 2,11-14). Não é a circuncisão ou incircuncisão que conta, mas a “nova criação” (Gl 6,15). Isto tinha implicações para as mulheres, fossem judias ou gentias. Se a circuncisão perde a força delineadora, as mulheres que não se circundavam, agora, pelo batismo e seu rito paradigmático (Gl 3,28), tornavam-se membros plenos do povo de Deus, com os mesmos direitos e deveres.

Então, as mulheres cristãs, fossem as líderes ou não, sendo escravas ou não (se bem que muitas não-escravas estavam sob o jugo escravagista também), ao entenderem o apelo do Evangelho no primeiro século, ao recitar a declaração batismal de Gl 3,28, compreendiam-se sujeitas na Igreja, com possibilidades de se moverem, de forma transformadora, nas inter-relações sociais e nas estruturas das comunidades às quais pertenciam.

O nosso texto (Gl 3, 28) é uma passagem que privilegia a mulher. É o ponto focal e centro organizador da teologia de Paulo no seu ensino sobre ela. Aqui, fala de igualdade de privilégios entre homem e mulher, uma declaração universal para todos os tempos.

Oficiosamente, houve a repressão pastoral, androcêntrica e patriarcal, voltando-se a marginalizar as mulheres nas comunidades e na teologia. Claro, na teologia também, pois o “não há homem (macho) e mulher (fêmea)” certamente foi um dos primeiros textos sociológicos-teológicos escritos que conhecemos do Novo Testamento. Paulo rompe, quebra os obstáculos, assume a proposta de que o par homem/mulher seja uma realidade e de que ambos estão no mesmo nível. As fronteiras são abertas. Mesmo tendo, provavelmente, oposição à sua postura, ele leva avante o ritmo da desmasculinização nas comunidades. As saudações afetuosas e carinhosas a tantas mulheres e homens nas epístolas aos Romanos (Rm 16,1-15) e aos Filipenses (Fl 4,2-3), missivas posteriores a Gálatas, mostram que ele pôs em prática esta visão igualitária. Ao contemplar, nas saudações, a presença feminina, está Paulo revelando a concretização da abertura multicultural de fronteiras. Foram estas mulheres que trabalharam,

lutaram, favoreceram, conviveram e tiveram tanto apreço e estima por Paulo, e a recíproca também foi verdadeira.

CONCLUSÃO

Perspectivas multiculturais envolvem também os padrões de comportamento e as instituições. Aqui, vemos o questionamento a instituições centenárias como o modo de produção escravagista e o patriarcalismo/androcêntrico. Vejamos: quem era proprietário não podia, à luz de Gl 3,28, exercer seu poder de patrão. Quem era marido tinha de abandonar o poder sobre as esposas e os filhos. Quem era judeu, ao converter-se, tinha de deixar a idéia de que os judeus eram o povo preferido de Deus. Todas as regalias socioreligiosas, bem como as político-econômicas, eram, nesse ideal, dissolvidas.

O apelo para que todos abandonassem seus privilégios era um fato. Perder essas prerrogativas significa realizar o sonho da declaração batismal. Poderiam grupos cristãos tão pequenos e tão novos influenciar instituições tão estratificadas e milenares? Muitos duvidam da força desses grupos. É difícil também afirmarmos que aconteceram resultados significantes.

Porém, na esfera das regalias masculinas, no âmbito religioso e das comunidades cristãs era possível realizar esse ideal. Qualquer privilégio religioso, cultural e social estava fora da declaração batismal de Gl 3,28.

Para as mulheres, para os escravos e os gentios, a busca da igualdade cristã, com todas as suas implicações sociojurídicas e culturais, além de ser uma atração existencial abria possibilidades nunca vistas na sociedade greco-romana. O movimento missionário cristão das igrejas primitivas contou, certamente, com uma legião significativa de líderes fora dos parâmetros tradicionais.

Referências

BARBAGLIO, G. *São Paulo o homem do Evangelho*. Petrópolis: Vozes, 1993.

COMBLIN, J. *Epístola aos Colossenses e Epístola a Filêmon*. Petrópolis: Vozes, 1986. (Comentário Bíblico).

FERREIRA J. A. Não há escravo nem Livre: superação da assimetria social. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 12, n. 4, p. 567-764, jul./ago. 2002a.

FERREIRA, J. A. Não há macho (homem) e fêmea (mulher): superação das assimetrias de gênero. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 72, p. 90-105, 2002b.

FERREIRA, J. A. Não há judeu nem grego: superação das assimetrias étnicas e religiosas. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 13, n. 5, p. 1093-1124, set./out. 2003.

SANDERS, E. P. *Paulo, a lei e o povo judeu*. São Paulo: Paulinas, 1990.

JOEL ANTONIO FERREIRA

Doutor em Ciências da Religião com área de concentração em Bíblia pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestre em Ciências Bíblicas pelo Instituto Bíblico e Universidade Gregoriana de Roma. Professor no Departamento de Filosofia e Teologia e no programa de Pós-Graduação de Ciências da Religião.

E-mail: joelfer@cultura.com.br